

REFLEXÕES SOBRE O CONTO “ASSEPSIA” EM *O VÍRUS DO IPIRANGA*, DE EDUARDO MAHON

Rosalva Maria Rodrigues¹

O Vírus do Ipiranga é um livro de contos escrito por Eduardo Mahon no período de isolamento da crise pandêmica. É composto por quinze narrativas, que têm como base o momento atual, em que as personagens se defrontam com os primeiros contratemplos originados pelo avanço da doença. O novo ritmo de “confinamento” é representado por uma forma de narrar marcada por metáforas. Estas, como por exemplo, vírus e máscaras, são postas em circulação com novos sentidos a partir do surgimento da Covid-19. O vírus e seu contágio não é só uma questão biológica, mas também ganha dimensões político-sociais. Da mesma forma, o uso de máscaras serve para desmascarar convenções, em que os personagens são desmascarados ao descobrirem coisas que não sabiam, seja dos outros, seja deles mesmos.

O espaço ficcional é o bairro do Ipiranga em São Paulo, que traz um conjunto de fatores

sociais e elementos do momento pandêmico que se incorporam às narrativas, desempenhando um papel unificador na constituição da estrutura. Partindo dessas considerações, podemos interpretar, com o suporte teórico de Antonio Candido, o conto inicial, que se intitula “Assepsia”. Nele, percebemos como a voz narrativa em um texto curto – e de linguagem precisa – destaca a relação entre vida social e literatura e como os elementos sociais são ordenados para que produzam na ficção o efeito do real.

O narrador choca o leitor, causando até mesmo um certo desconforto com a construção extremamente irônica. A linguagem é carregada de sentidos, já que no conto tudo é muito condensado, e traz consigo uma crítica social e de costumes do momento atual ao representar o homem comum. O protagonista pertence à classe média brasileira, e se caracteriza por um tipo bastante conhecido, que mescla arrogância, ignorância e egoísmo. Nas situações cotidianas, despreza e é intolerante com as personagens com quem convive e até mesmo com aquelas que mantêm a distância.

Os elementos sociais são usados não apenas para ilustrar a narrativa, mas como fatores da própria construção artística que se conecta a determinada realidade. Por isso, quando estudados em um nível explicativo, têm uma visão de mundo profunda, em que a voz narrativa escancara de maneira mais crua aquilo que realmente os personagens são.

O significado do título “Assepsia” se refere à negação, ou seja, sem contaminação.

Ao longo da narrativa essa ideia de negação persiste, mas de uma forma irônica, pois esse protagonista quer ser muito asséptico. Ao limpar-se de tudo e de todos, ele nega o outro, se contrapõe a tudo, quer estar longe, mas ele é a sujeira, ele é o fator que incomoda, ou seja, o tipo social que pensa que o mundo gira em torno dele.

Os sentimentos e atitudes negativas são contrastantes o tempo todo, o que confere uma lógica ao personagem literário. Desde o início do conto, quando aparece o primeiro fator externo, do isolamento, o protagonista já se contrapõe: “sentiu-se imprensado”, “espremeu-se contra a parede”, pois não quer dividir o elevador, ainda mais com alguém a quem ele julga inferior. Essa situação é também cômica, visto que, antes do isolamento, os elevadores e lugares públicos encontravam-se permanentemente lotados. Percebemos assim que, ao longo da narrativa, essa lógica persiste com a presença de alguns elementos que são organizados e coesos, fazendo com que, quanto mais isolado, mais sozinho o personagem está, mais se limpa e nega tudo a sua volta.

O pouco espaço de tempo que o protagonista divide o elevador com outra personagem estabelece a relação irônica entre a ideia do vírus como doença e suas atitudes “doentias”. Estas são descritas em passagens como: “ferviam improperios contra a preta gorda” e “sentiu-se contaminado de algum modo pela existência alheia”. A voz narrativa, ao acessar o elemento externo, o momento pandêmico, faz um verdadeiro escrutínio impiedoso do espírito humano e do que as pessoas são capazes. A construção artística não faz referência à empatia do ser ficcional, ao contrário, libera o ser estúpido e insensível que ele sempre foi e reprimia, assim como ocorre na vida real de muitos da classe social representada.

Desse modo, não consegue ver formas alternativas de vida, não entende como alguém de condição financeira menos favorável, com muitos filhos, pode estar cantando e ser feliz, afirmando que “a vida dessa mulher e tipos assim não vale muita coisa”.

Da mesma maneira que quer se limpar do vírus, deseja limpar-se das personagens, ou daqueles com quem não quer conviver: “lavar-se da civilização com a qual mantinha contato esporádico”. Novamente, o fator externo do isolamento social ajuda a compor a trama da narrativa. Ele é determinado pelo momento pandêmico e contrasta com a distância social imposta pelo protagonista, já que na construção ficcional deixa claro que não suporta ninguém. Ele acha que o que está errado, o que é doentio, o que não presta, é tudo com o que ele precisa conviver, que tem que ver e lembrar, pois é intolerante até mesmo com as lembranças, as quais limpava no banho demorado: “limpava a lembrança do sujo balcão de fórmica da padaria, da feia camisa listrada do jornaleiro da esquina...”. Não é doentio somente o convívio com os pobres, como também seu convívio com os vizinhos, os quais são da mesma condição social. Mesmo de longe, ele também não suporta, quando olha pelo vão central do prédio e vê a vizinha: “a mulher que falava sozinha usava rolos no cabelo... nada mais pobre, onde pensa que vai?”.

Percebemos que ao longo da narrativa o protagonista além de se limpar dos outros personagens também quer limpar-se dele mesmo, mas não consegue: “sentiu vencidas as convicções de ordem e progresso que aprendera 50 anos antes na escola militar”. A representação social do personagem militar com característica como hierarquia é trazida para ficção em passagens como: “antes de terminar o banho, em sinal de protesto, cuspiu

¹ Graduada em Letras – Inglês pela UNEMAT (2016) e mestranda pelo PPGEL/UNEMAT na linha de pesquisa Literatura, História e Memória Cultural, sob orientação do Prof. Dr. Helvio Moraes. Estuda narrativa curta (conto) e o projeto de pesquisa tem como título “O riso satírico em *O Vírus do Ipiranga* de Eduardo Mahon”. E-mail: rosvalva.rodrigues@unemat.br

no chão do box ao lembrar do síndico que, três anos antes, extinguiu o uso exclusivo do elevador de serviço para empregadas domésticas”. Mesmo assim não admite, mantém-se em silêncio e argumenta: “o silêncio era sinal de superioridade, acreditava o capitão reformado assobiando o hino nacional”.

A ironia e o humor estão presentes no contraste desse militar que se sente superior aos civis, mas que está velho e sozinho em um apartamento pequeno, e que de tão intolerante não suporta nem a si mesmo. Quando finalmente, ao abrir o jornal, “lembrou-se de que o vírus poderia estar ali, entre o caderno de esportes e os classificados”, ou seja, o vírus não estava externamente, em tudo que tentou se livrar, mas dentro dele, ele é o vírus.

Ao final do conto, percebemos que o protagonista é a doença, que não serve e tem que ser eliminado. Da mesma forma que em passagens anteriores, em que faz a assepsia do que acredita estar contaminado, ele se elimina: “apanhou a pequena garrafa transparente que jazia ao lado do velho sofá e encharcou as mãos de álcool [...], do bolso do pijama tirou o isqueiro e um cigarro, consumido pelo fogo que o velho ateou em si mesmo. Antes do fim, Alfredo sentiu-se livre de si e de todos os outros vírus”.

Tendo em vista os aspectos observados no decorrer da interpretação, constatamos que a narrativa é estruturada de forma a representar o homem comum, da classe média brasileira com uma concepção obtusa descrita pelas ações do protagonista. Ele é o vírus, que está agindo e que tem essa “consciência de classe” que o limita a enxergar o outro, não consegue ver formas alternativas e modos de conceber a vida, justamente pela ignorância e egoísmo. Procuramos demonstrar que esse traço social está presente em forma de metáforas e con-

trastes na estrutura dessa narrativa curta e densa que, contudo, deixa lacunas para o leitor participar e preencher.


O personagem, que é também o vírus, deixa de ser só biológico e passa a ser também uma representação social. O vírus ataca e infecta o personagem que de uma forma primária já é negativo, mas que ganha uma dimensão maior nesse momento crítico da Covid-19. Manter-se isolado e em quarentena faz com que veja o mal e a decadência em tudo a sua volta.

A voz narrativa choca o leitor com o realismo caótico que vive no contexto pandêmico de medo e desesperança. A maneira como as ações ocorrem faz o leitor construir imagens e significações ao organizar seus pensamentos, sentimentos e sua visão de mundo. Desperta a sensação de desconforto e faz com que o leitor se enxergue e se reencontre consigo mesmo a partir do que se projeta para o outro nas situações ficcionais muitas vezes dramáticas e absurdas das narrativas de *O vírus do Ipiranga*. Essa preocupação em abranger e representar os muitos sentidos que a doença pandêmica pode ter está presente nas quinze narrativas. Que doença é essa? Não é somente biológica, assim como o contato não é só biológico, é também político e social, pois ganha essa dimensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: Estudos de teoria e história literária. 3. ed. revista. São Paulo: Nacional, 1973.

MAHON, Eduardo. **O vírus do Ipiranga**. 1. ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2020.



LANÇAMENTO
EDIÇÃO 76
MAIO / 2022

Amazônia Legal (poema)
Trem
Ana Clara Sasaki
O ontem amanheceu de novo
Antônio Sodré

Carta ao escritor
Carta para o poeta Antônio Sodré (In memoriam)
Luciene Candia

Artigo
O Indizível Imagético em Pina
Luciene Candia

Conto
Terapia
Adilson Vagner

Crônica
Nódoa
Eduardo Mahon

Resenha
Sinais de Chegadas: romance indigenista em Mato Grosso
Vanilda Reis

Artista Visual Convidado
Eduardo Balbino Ferreira

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Celso Alberto Ayres Alencastro

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/nodoa-no-brim>

O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>

Jornal “O Combate”

Expediente

O Combate é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

Direção geral: Helvio Moraes

Equipe editorial: Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chieregatto

Colaborador deste número: Rosalva Maria Rodrigues

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

Contato: jornalcombateppgel@gmail.com



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000